



Myrella Santana é formada em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi candidata a vereadora na cidade do Recife, em 2020, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Atualmente integra a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, a Articulação Negra de Pernambuco e é diretora operativa da Rede Internacional de Jovens LGBTQIA +. Se identifica como mulher negra bissexual.

O que é o preconceito (racial ou de gênero) para você? É o ato de você odiar o outro apenas e somente pelo que ele é, descrevendo da forma mais simples, claro. Todo preconceito é uma forma de violência contra uma determinada população, que está subjugada economicamente, socialmente e politicamente a outra. Nesse processo de discutir como essas violências se dão, é importante nomear cada uma delas para entender quem são os sujeitos responsáveis, ao invés de jogar tudo no grande guarda-chuva chamado preconceito. O de gênero chamamos de machismo, o de raça de racismo e a LGBTQIAP+fobia de homofobia ou transfobia (dependendo de qual grupo estamos nos referindo, claro), quando nomeamos, estamos não apenas apontando quem são as vítimas, mas também os agressores.

Você já vivenciou ou sofreu alguma atitude de preconceito (racial ou de gênero)?

Eu sou uma mulher negra bissexual vivendo em uma periferia na Zona Oeste da cidade do Recife, eu não conheço outro mundo que não seja o da violência. O racismo chegou primeiro, antes mesmo do machismo ou da LGBTQIAP+fobia me encontrar. Eu lembro que eu tinha 4 anos quando disseram que meu cabelo era bombril e meus dentes de cavalo, os anos foram passando e logo foram me dizendo o que eu poderia ou não fazer ou quem eu poderia ou não

amar. Hoje eu tento experienciar o mundo da forma mais humana que consigo, mas o racismo, o machismo e a LGBTQIAP+fobia não me deixam esquecer por um segundo quem eu sou.

O que o Movimento de Mulheres Negras representa para você?

O movimento de mulheres negras é caminho e possibilidade. Caminho porque eu sei que eu só consigo caminhar porque outras mulheres negras pavimentaram esse solo para eu andar e por isso tenho responsabilidade de fazer florescer para que as outras que virão possam caminhar mais leve. Possibilidade, porque nós somos o passado, o presente e o futuro deste país. Somos o maior grupo demográfico existente no Brasil e temos um projeto de nação. Quando o meu mundo desaba é sempre outra mulher negra que o levanta, ninguém nunca vai me acolher como as mulheres negras me acolhem e me cuidam. Além de tudo e acima de tudo, ser do movimento de mulheres negras me lembra que eu sou humana.

Por ser um ambiente majoritariamente composto por homens brancos e cisgêneros, em algum momento, o teu histórico de defesa das pautas raciais, de gênero e em defesa da comunidade LGBTQIA + , te fizeram ter medo de entrar na política?

O tempo inteiro. Sou ativista porque o medo e a raiva também movem. Fui uma das candidatas mais jovens na cidade do Recife em 2020 e foi assustador à violência que sofri desde os espaços institucionais até mesmo a dinâmica de campanha na rua. Se ser uma mulher negra bissexual já me faz ter, o tempo inteiro, o alvo apontado pra mim, imagina ser tudo isso e militante? Continuo por não estar sozinha, como disse Margarida Maria Alves, “medo nós tem, mas não usa”.